

Wilderness e o Oeste americano.
Ecoativismo e busca de redenção na natureza
em *Goodbye to a River*
e *The Man who Rode Midnight*

*Wilderness and the American West.
Eco Activism and the Search for Redemption
in Nature in Goodbye to a River
and The Man who Rode Midnight*

124

Adolfo José de Souza Frota*
Universidade Estadual de Goiás - UEG

Se nos esquecermos de nossas origens humildes logo começaremos a imaginar que podemos fazer o que quisermos com nosso pequeno planeta. Antes que muito tempo se passe, transformar-nos-emos nos novos dinossauros, fósseis de alguma era futura.

Desmond Morris

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir o tema do *wilderness* e da ecocrítica nos romances *Goodbye to a River* e *The Man Who Rode Midnight*. Levando-se em consideração a preocupação ecológica de John Graves e de Elmer Kelton, é possível analisar como a literatura, que se sensibiliza com temas ambientais, discute problemas associados ao progresso destrutivo e difunde a ideia de conservação da natureza a partir de um enfrentamento simbólico contra o

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

avanço econômico e à favor de uma sensível busca de redenção humana pela preservação do espaço e dos animais. Os autores sinalizam para uma proposta de compartilhamento de espaço, onde homem e animal estabelecem um tipo de contrato em que ambos convivem em relação harmônica.

PALAVRAS-CHAVE: John Graves - *Goodbye to a River*. Elmer Kelton - *The Man Who Rode Midnight*. Meio ambiente - Tema literário. Ecocrítica - Estudos Literários. *Wilderness* - Tema literário.

ABSTRACT: This article has as an objective to discuss the theme of wilderness and of ecocriticism in the novels *Goodbye to a River* and *The Man Who Rode Midnight*. Taking into account the ecological concern of John Graves and Elmer Kelton, it is possible to analyze how literature, that sensitizes itself with environmental themes, discusses environmental problems associated to the destructive progress and spreads an idea of nature conservation starting with a symbolic confrontation against the economic advance and in favor of a sensitive search for redemption through the preservation of space and animals. The authors signalize to a proposal of space sharing, where man and animal establish a kind of animal contract in which both live in harmonic relationship.

KEY-WORDS: John Graves - *Goodbye to a River*. Elmer Kelton - *The Man Who Rode Midnight*. Environment - Literary Theme. Ecocriticism - Literature. *Wilderness* - Literary Theme.

Que o Oeste americano foi (e de certa forma ainda é) considerado a terra do *wilderness*, não resta dúvida. Frederick Jackson Turner (2004, p. 23), no início do século XX, acreditava que parte significativa do desenvolvimento americano esteve na busca de uma “área de terra livre”, ou seja, de um espaço selvagem com potencial para ser colonizado (por extensão, domesticado e modernizado) pelo homem branco. Se, conforme Turner (2004, p. 55), porção considerável da história dos Estados Unidos pode ser explicada a partir da análise da colonização dessa região, o autor conclui que problema do desenvolvimento americano é, sobretudo, o problema do Oeste.

O pensamento de Turner, criticado, revisado e atualizado posteriormente pelos historiadores do novo Oeste, assinala uma questão importante sobre a relação do homem com a natureza. Ele, o colonizador, tende a domesticá-la para exercer controle. Seu papel é o do “pioneiro” branco, que chega à uma região primitiva e natural e que assume a posição de “senhor” da terra no sentido de explorá-la até a exaustão para suprir determinadas necessidades, normalmente

econômicas. E o Oeste tem sido, de certa forma, a terra de oportunidades, do *American Dream*, ou seja, de enriquecimento rápido, mesmo que seja necessária a destruição completa do lugar e de tudo aquilo que o compõe. Este comportamento gera, segundo Stephen Grace (2012, p. xxiii), a lamentável tragédia humana, pois “[q]uando se é permitido acesso ilimitado a um recurso finito, as pessoas buscam lucro em curto prazo à custa da ruína do recurso em longo prazo. O caminho para a destruição é previsível - está enraizado na natureza humana. Esta é a tragédia”.

A disputa entre homem e natureza marcou (e de certa forma, como veremos aqui, ainda marca) a colonização do Oeste dos Estados Unidos, principalmente por sua característica mais marcante: a aridez. É por esse motivo que foi criado o Departamento de Recuperação dos Estados Unidos (*United States Bureau of Reclamation*) no início do século XX para gerenciamento da água. O departamento seria “a salvação” do Oeste no sentido de sua expansão populacional. Entretanto, para Edward Abbey, a aridez do Oeste não é necessariamente uma aridez. Os recursos naturais existentes nesta região são suficientes para o seu perfeito equilíbrio, mesmo sendo mínimos. A presença do homem onde ele não deveria estar é que causa desconforto, gera conflitos e desequilíbrio. Se se levar em consideração os nativos norte-americanos, como os índios comanches, por exemplo, a tese de Abbey se sustenta, já que são séculos de presença indígena naquela terra seca, desértica:

Não há escassez de água no deserto, mas exatamente a quantidade correta, a proporção perfeita da água para a rocha, da água para a areia, garantindo o espaçamento amplo, aberto e livre entre as plantas e os animais, casas, cidades pequenas e grandes, que faz do Oeste árido tão diferente se comparado a outras partes da nação. Não há falta de água aqui, a não ser que se tente estabelecer uma cidade onde não deveria haver (apud BRINKLEY, 2006, p. xvii).

Nesse ambiente de proporções perfeitas entre as partes, todos os elementos de uma engrenagem natural funcionam de forma harmoniosa. O que Edward Abbey deixa explícito é que a aridez é um componente da região. Assim, o homem que tenta estabelecer uma cidade em determinadas áreas, impróprias para a sua

existência e inadequadas para a presença do colonizador, sofrerá pela pouca quantidade de água disponível, não porque o Oeste seja essencialmente inóspito, mas porque há determinados lugares que deveriam estar livres (ou quase totalmente livres) da presença humana. Esses lugares ficaram conhecidos pelo termo *wilderness* em virtude da escassez de pessoas ou por uma presença marcante da natureza sobre o espaço domesticado.

O que é o *wilderness* e suas implicações para a preservação da natureza

A palavra “*wilderness*”, que numa tradução simplificada quer dizer “terra selvagem”¹, apresenta uma dificuldade quanto ao seu sentido, uma “concretude enganosa” porque, apesar de ser um substantivo, atua como adjetivo, pois não há nenhum objeto material específico que seja *wilderness*. A palavra designa uma dualidade, que produz uma certa disposição ou sentimento em determinado indivíduo, e como consequência pode ser atribuído por uma pessoa a um lugar específico. Ou seja, ela apresenta subjetividade, daí que uma definição universalmente aceita da palavra é problemática, pois que aquilo que seria *wilderness* para uma pessoa poderia não ser para outra (NASH, 2014, p. 1). Etimologicamente, ela parece derivar de “*will*”² com um sentido descritivo de “*self-willed*”, “*willful*” ou “*uncontrollable*”. De “*willed*” veio o adjetivo “*wild*” usado para transmitir a ideia de estar perdido, confuso, desordenado, rebelde ou fora de controle e *wilder*, que gerou *wilderness*, o lugar de bestas selvagens, onde não existe a presença humana ou a pessoa entra

¹ O termo *wilderness* tem um sentido mais amplo em português: Vera Ribeiro, que traduziu *Ecocrítica* (2006), de Greg Garrard, menciona na página 80, em nota de rodapé, outros equivalentes em nosso vernáculo: “mundo natural, natureza inculta/selvagem/virgem, selva, sertão, mundo selvagem, agreste, região inculta/agreste, terra virgem, indômita ou inculta, e ainda ermo, deserto”. Neste artigo, opto pelo uso do termo original *wilderness*, além da tradução “natureza selvagem” ou “lugar selvagem”.

² *Will* tem vários significados: vontade, desejo, arbítrio; *self-willed* significa obstinado, aquele que é governado pelos seus próprios desejos; *willful* é voluntarioso, intencional; *uncontrollable* = incontrolável; *willed* significa voluntarioso; *wild* = selvagem; *wilder* significa mais selvagem; *bewilder* = confuso; *be* = ser e estar.

em uma condição selvagem, desordenada e confusa, daí que *bewilder* vem do verbo *be* anexado ao *wilder* (NASH, 2014, p. 1-2).

Já Greg Garrard (2006, p. 89-90) afirma que o vocábulo deriva do anglo-saxão *wilddeoren*, referindo-se as *deoren* (ou feras) que existiam para além dos limites das regiões cultivadas. A palavra *wild* se tornou tão útil “para designar os reinos das *deoren*, que nem sua grafia nem sua pronúncia, tampouco seu significado simples, modificaram-se em um milênio e meio”, apesar de que, “à medida que as florestas recuaram na distância e as regiões incultas foram colonizadas, a palavra tenha atraído novas conotações”.

A partir do século XIX, com o início de um pensamento mais preservacionista, o *wilderness* se tornou um símbolo importante da nova forma de pensamento revolucionário sobre a relação do homem com a natureza ao pôr em evidência a preocupação com as formas de vida não humanas. Reconheço aqui dois vieses de um discurso ecológico que fomentaram uma discussão voltada para a preservação de formas de vida não humanas: o primeiro, que concerne o reconhecimento dos direitos da natureza no sentido de pôr em evidência que a terra não pertencia ao homem (NASH, 2014, p. 157), mas que ele a integrava. Conforme William O. Douglas, o contato do homem com lugares selvagens o ajudava a perceber todas as criaturas como elos de uma cadeia no qual ele também faz parte (apud NASH, 2014, p. 255); o outro viés diz respeito à visão de que a natureza preservada poderia ser uma fonte considerável de lucro para determinados setores, conforme explica Max Oelschlaeger (1991, p. 283). Essa visão geraria um desafio fundamental, no século XX, que seria o fornecimento de fontes naturais para abastecer o crescimento econômico. Agora, me deterei no desenvolvimento rápido dos dois vieses e na apresentação do tema deste artigo.

Explorando o primeiro viés, cito o ambientalista Sirgurd Olson. Ele escreveu que o homem “ainda estava em sintonia com bosques, campos e águas” (apud NASH, 2014, p. 265) e havia percorrido um longo caminho desde a condição primitiva,

porém, não o suficiente para que se esquecesse de sua conexão. Como consequência, o homem “civilizado” sentiria falta do contato com o mundo selvagem. Estando distanciado de sua condição “primitiva”, ele se sentiria infeliz, frustrado e deprimido. Isso explicaria a necessidade de alguns de irem para a natureza como um homem vai à busca de um médico.

O *wilderness* assume um papel terapêutico em virtude de uma identificação do homem com a natureza, que o faz refletir sobre sua própria condição humana, a sua história íntima e particular, e o faz se diferenciar daqueles outros não integrados a um ecossistema. Essa proposta de atitude corrobora uma espécie de tentativa de integração redentora, de fusão abstrata entre o micro e o macro, do uno com o cosmos, de uma irmandade subjetiva entre espécies, de cumplicidade afetiva e respeitosa, particularizada pela experiência espacial das personagens das narrativas *Goodbye to a River* (1960), de John Graves e *The Man Who Rode Midnigth* (1987), de Elmer Kelton³.

O primeiro livro é uma narrativa autobiográfica, quer dizer, Graves relata sua viagem pelo rio Brazos, no Texas, quando descobre que o rio seria represado para construções de hidrelétricas. Durante a viagem, ele conta histórias antigas dos povos da região e assevera sua ligação com aquele espaço e com seus habitantes. É uma narrativa sobre a necessidade de preservação da natureza no que tange a conservação da própria memória afetiva do autor, que está profundamente atrelada ao ambiente natural. O romance de Kelton narra a história do *cowboy* texano Wes Hendrix, que é assediado pelas autoridades da

³ *Adeus ao rio* e *O homem que montou Midnigth*. Traduções livres. Ambos autores ainda não tiveram seus livros traduzidos no Brasil, e são, também, não muitos conhecidos nos Estados Unidos (principalmente extrapolando a fronteira do Texas). John Graves ganhou notoriedade por *Goodbye to a River*. Já seus outros trabalhos sobre o Texas e o meio ambiente, tais como *Hard Scrabble* (1970) e *From a Limestone Ledge* (1980), não alcançaram a mesma repercussão, embora, junto com seu livro mais famoso, ficassem conhecidos como a Trilogia do Brazos (*Brazos Trilogy*) (SCHWARTZ, 2013). Elmer Kelton é mais conhecido por seus romances *powder burners* (queimadores de pólvora, em uma tradução literal), dos quais ganhou vários prêmios específicos (8 *Spur Awards*). Ele tem, também, uma série de romances sérios (*serious novels*), dentre os quais se destacam *The Time it Never Rained* (1973) e *Stand Proud* (1984) (KELTON, 2000-).

cidade ficcional de Big River porque um grupo de investidores queria transformá-la em *resort*. Ligado a uma tradição de vida no campo e de trabalho na terra, ele enfrenta o prefeito, o xerife e o filho, que se unem para obrigá-lo a vender a propriedade. Em ambos os romances, a natureza é valorada (por agentes externos) pelo seu potencial econômico: o rio Brazos receberia uma série de represas para produção de energia e desenvolvimento da agricultura; o rio de Big River seria represado para que a cidade tivesse um lago e se transformasse em um *resort*. Entretanto, ela também é valorada (por agentes internos) pela sua representação ecológica e simbólica.

Sobre o segundo viés, o da preservação da natureza com fins não tão nobres assim, é preciso esclarecer o pensamento recorrente de que há fronteiras definidas entre o *wilderness* e a civilização. Oelschlaeger explica que “[o] valor da natureza selvagem é interpretado estritamente em termos econômicos, quer diretamente através do funcionamento do mercado de acordo com as ‘leis’ da oferta e procura ou indiretamente através da análise do custo-benefício” (1991, p. 287-288). Ainda de acordo com o autor, o mercado faz a montanha valer mais para o desenvolvimento da prática de esqui ou como *resort*, repleta de condomínios e shoppings, do que uma reserva selvagem; da mesma forma, a floresta vale mais como madeira do que como o lugar onde vivem animais selvagens. A análise do custo-benefício, às vezes, gera verdadeiros desastres ambientais como o desaparecimento de um peixe (*snaildarter*) após a construção do reservatório de Tellico, no rio Tennessee: “Pelo cálculo de valor do custo-benefício, os benefícios econômicos da água fornecida para consumo humano e a diversão dos esquiadores de água e pescadores eram maiores do que a existência do *snaildarter*” (OELSCHLAEGER, 1991, p. 288).

O desaparecimento de animais é uma temática urgente e que norteia os discursos ecológicos dos autores literários abordados neste artigo. Tanto *Goodbye to a River* quanto *The Man Who Rode Midnight* discutem o perigo da extinção quando evidenciam a ligação espiritual dos protagonistas com o espaço rural onde a vida natural, se comparada à cidade, está mais preservada (embora

com sinais preocupantes de devastação). Pois é esta a ligação verdadeira do homem, ligação com a natureza, que o vincula ao ecossistema, ou seja, o sistema onde se vive e onde se há integração entre os seres vivos, num período (século XX) de crescimento do apelo conservacionista. Há, em ambos romances, um discurso ecológico de preservação. Entendo aqui a ecologia, conforme explica Afonso Pena-Vega (2010, p. 30), como “o estudo das relações que vinculam os organismos e o meio onde eles vivem”.

Já o estudo da relação entre literatura e ecologia ficou denominado pelo termo ecocrítica, entendido aqui, na esteira de Cheryl Glotfelty, como

o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (apud GARRARD, 2006, p. 14).

De acordo com Greg Garrard (2006, p. 14), ainda analisando o conceito de Glotfelty, é possível apreender que a ecocrítica “é uma modalidade de análise confessadamente política”, dado à sua comparação com a crítica feminista e marxista, conforme a citação evidencia. Isso implica na tese de que os ecocríticos “costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’. Nesse aspecto, ela se relaciona de perto”, conclui Garrard (2006, p. 14), “com desdobramentos de orientação ambientalista na filosofia e na teoria política”.

Além disso, ainda conforme Garrard (2006, p. 16):

A ecocrítica singulariza-se, entre as teorias literárias e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da ecologia. Os ecocríticos podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites disciplinares e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria “capacitação ecológica”.

Considerando, de forma breve, essa proposta de discussão (de como a literatura se posiciona à respeito de temas ambientais), é possível vincular os dois autores, Elmer Kelton e John Graves, aos autores que incorporam, de forma literária, discussões importantes a respeito de como a natureza tem sido explorada pelo homem, em constante busca de enriquecimento extrativista. Assim, ambos os autores estão alinhados a um pensamento ecológico. Pena-Vega (2010) lembra que a sociedade, após observar a destruição crescente da natureza, tomou consciência de que o meio-ambiente é constituído por vários elementos explorados e subjugados pelo homem, principalmente sob uma perspectiva econômica, e que isso vem ocorrendo graças à industrialização. As narrativas que o presente artigo discute também estão alinhadas ao pensamento corrente de que a ganância financeira contribui para a destruição da natureza.

Em busca do *wilderness*. Homem e natureza em integração redentora

132

O vínculo entre homem e natureza é um dos temas fundamentais de *Goodbye to a River* e *The Man Who Rode Midnight*. O romance de Graves tem como epígrafe de um capítulo um trecho do poema de William Butler Yeats “The Trembling of the Veil” onde há uma afirmação interrogativa: “Todas as raças não tiveram sua primeira unidade de uma mitologia que os unem à rocha e à colina?” (2002, p. 21)⁴. O que Yeats quis dizer foi que os homens, de todas as raças, são, desde a origem, ligados à terra, e essa ideia é explorada por Graves ao citar sua relação com o rio Brazos, quando ele busca, embora sendo limitada à sua viagem, a integração com a natureza, durante o pequeno trajeto pelo rio Brazos.

⁴ “Have not all races had their first unity from a mythology, that marries them to rock and hill?”.

Esse mesmo sentimento é experimentado por Wes Hendrix. Em *The Man Who Rode Midnight*, a relação da personagem com o espaço natural indica uma característica apontada por Yi-Fu Tuan com o termo topofilia, que significa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (1980, p. 5), quer dizer, uma ligação emotiva tendo como ponto de partida a experiência pessoal e, posso assim dizer, feliz do sujeito com o espaço. A topofilia compreende tanto o ambiente externo (como a extensão territorial dos ranchos) quanto as casas dentro das propriedades. Assim, quando Wes esclarece para o neto Jim Ed que ele está em casa e que “[c]asa é qualquer lugar neste rancho” (KELTON, [s.d.], p. 79), ele quer dizer que se sente protegido e acolhido em sua propriedade rural, ligada à natureza, como se ela (a natureza) fosse uma parte integrante da sua residência íntima, pois Hendrix é um *cowboy* acostumado a interagir com o *wilderness*, sendo ele parte de sua constituição afetiva.

O equilíbrio emocional de Hendrix é amparado por sua experiência de espaço. A menor probabilidade de abandono do rancho o afasta da segurança de conhecer tudo aquilo que o envolve. Por esse motivo, a ida à cidade indica um problema que extrapola a inadaptabilidade do protagonista ao espaço citadino. Na verdade, existe uma espécie de alienação perigosa que o desvincula da referida experiência, daí a sensação de estranhamento e alienação: “Nas poucas vezes que a avó Maudie [de Jim Ed] obrigou-o a visitar a cidade, ele agiu como uma criança perdida e confusa” (KELTON, [s.d.], p. 18). E John Graves (2002, p. 4), na sua narrativa autobiográfica, reconhece que a sua identidade (em poucas palavras, aquilo que o identifica a algo) está vinculada ao rio Brazos, na verdade a uma parte do rio: “Não digo todo o Brazos, mas uma parte do rio que tivesse significado para mim durante uma boa parte da minha vida na forma como partes de rios podem ter significados”.

Goodbye to a River se desdobra em uma constante volta ao passado e em um presente marcado pela crítica à presença humana, que rompe um contrato até então existente (o contrato animal, discutido mais adiante) e que provoca desequilíbrio entre as partes, um tipo de desarmonia visível pela descrição

espacial e que corrobora uma premente necessidade explanatória do impacto produzido pela exploração humana. Mesmo em tom saudosista, ao mesmo tempo em que ele narra a história de pessoas anônimas que participaram da “vida do rio”, Graves não deixa de criticar e observar a presença cada vez maior de pessoas responsáveis pela degradação ambiental, como os pecuaristas, que trouxeram animais domesticados e, quiçá, pescadores esportivos que introduziram peixes invasores. Em ambos os casos, existe um desequilíbrio no ecossistema, pois há necessidade de terras para a criação pecuarista, o que aumentaria o desmatamento; os peixes introduzidos provocam desequilíbrio por não terem predadores naturais e se alimentarem de outros peixes que estariam na cadeia alimentar dos animais predadores.

Sobre os animais domesticados (ele se refere às cabras Angorá cujo pelo produz um tecido semelhante à seda conhecido como *mohair*), que invadiam o que era antes terra selvagem, Graves observa ter elas “olhos amarelos, sagazes e maus, mas também uma autossuficiência [...] que nossos atuais gados de corte [...] perderam” (GRAVES, 2002, p. 57). Além disso, “elas simbolizam mais uma degeneração do país; há sobre elas um cheiro de queimado do Oriente [...] onde começou a sua raça” (p. 57). Observando a natureza, Graves constata haver um crescimento de pessimismo na região: “Os homens aumentam; o país sofre” (p. 58).

Essa constatação é facilmente perceptível por sua menção ao problema da alteração da natureza, que traz consequências inevitáveis, impactos profundos observados por este autor. Ele (2002) descreve o problema do quase desaparecimento de uma ave (*Bald Eagle*), da introdução de peixes não nativos no rio Brazos e da construção de fábricas.

Sobre a *Bald Eagle*, há evidência da diminuição da população da águia, que precisa de amplos espaços e não consegue se adaptar às mudanças no seu *habitat*. Na falta do ambiente preservado, a ave acaba perecendo (GRAVES, 2002, p. 28). Outro problema se refere aos peixes introduzidos artificialmente

no rio Brazos, que abundam nas grandes barragens artificiais e são utilizados em pesca esportiva (GRAVES, 2002, p. 103). Como são peixes de outras regiões, acabam contribuindo para o desequilíbrio ecológico ao se tornarem espécies invasoras. Para além desse problema, há ainda a pesca predatória com utilização de equipamentos que aumentam a eficiência da pesca, como o uso de descargas elétricas para atordoar peixes ou mesmo dinamites (p. 212). E as fábricas que acabam afastando as pessoas de suas histórias da fronteira (p. 128).

Da mesma forma, a devastação da natureza também é um problema perceptível em *The Man Who Rode Midnight* quando a personagem principal, o já referido cowboy Wes Hendrix, demonstra preocupação com a possibilidade da destruição da vida selvagem identificada pela presença do veado chamado por ele de Ol' Snort. Segundo Wes, “[s]e construírem aquele lago pretendido em Big River, ele perderia o espaço”, pois “[r]eduza o *habitat* e você reduz a vida selvagem; é simples assim” (KELTON, [s.d.], p. 134).

Como atitude preservacionista, Wes decide construir um cercado com estacas para delimitar sua propriedade, como se ela fosse uma reserva ambiental para o veado. A cena é idílica. Quando ele e Jim Ed estavam construindo o cercado, o velho cowboy vê Ol' Snort. Se antes o cansaço do árduo esforço na tentativa de construir uma barreira de proteção simbólica estava quase exaurindo as forças de Wes, a visão idílica do veado trouxe alento temporário para o corpo cansado e calejado do rancheiro: “A ansiedade e a fadiga desapareceram de sua face. Observando aquele veado, ele sentiu paz” (KELTON, [s.d.], p. 200) porque o animal fazia parte do lugar, quer dizer, da natureza ainda conservada.

A preservação da natureza seria, na mesma proporção, a preservação da sua própria cultura, já que ela (a cultura do cowboy) está intimamente relacionada à natureza pela atividade no campo. De acordo com Desmond Morris (1990, p. 175), “[t]oda cultura que demonstre solidariedade com seus companheiros animais será uma cultura sensível e zelosa em todos os outros aspectos. Toda

cultura que sentir parentesco com os animais será uma cultura que mantém suas raízes”.

Wes e Ol’ Snort possuem uma parceria antiga, são relativamente companheiros (*buddies*, conforme menção de Wes). Quando Jim Ed comenta que o veado morrerá de velhice, Wes responde que também morrerá porque ambos pertencem ao lugar (KELTON, [s.d.], p. 81). O que o velho *cowboy* tenta explicar para Jim é uma espécie de contrato animal estabelecido desde o início de sua trajetória como *cowboy*. Conforme escreve Desmond Morris (1990, p. 12), o biólogo que sugeriu o termo “contrato animal”, “[a] base desse contrato é que cada espécie deve limitar seu crescimento populacional o suficiente para permitir que outras formas de vida coexistam com ela”. Há, evidentemente, competição, porém, ela não é “tão implacável como muitas pessoas parecem imaginar”. Há um certo equilíbrio na convivência entre as duas espécies, a humana e a animal. A base do desequilíbrio ocorre quando uma espécie se sobrepõe a outra, e não é difícil imaginar que a humana vem superando na multiplicação desenfreada de sua espécie, o que cria novas necessidades como o crescimento da agricultura, da pecuária, do aumento da produção de energia e, inclusive, da criação de pontos turísticos para lazer. Portanto, o crescimento do homem tem um impacto profundo na natureza e a quebra desse contrato antigo. Segundo Morris:

O resultado foi o de que começamos a pilhar o planeta, em um processo que confundimos com progresso. A fim de progredir apropriadamente, devíamos ter nos concentrado na qualidade e não na quantidade: nossos números teriam aumentado equilibradamente e a qualidade de vida teria aumentado com eles. Contrariamente, vimos o oposto acontecer (1990, p. 13).

As palavras-chave da relação entre espécies são o equilíbrio e a harmonia. A sensação reconfortante de Wes quando observa a liberdade de Ol’ Snort somente foi quebrada com a invasão da paisagem natural por uma máquina: o avião. O silêncio é rompido pelo barulho de um veículo, que simboliza o poder tecnológico e industrial. O surgimento da máquina no céu vem para tornar

inaudível os sons agradáveis da natureza, que chamavam a atenção de Wes. Conforme explica Leo Marx (2000, p. 27-29), a máquina se caracteriza como um objeto tecnológico intruso sobre a fantasia idílica de satisfação. Em *The Man Who Rode Midnight*, vê-se a seguinte descrição:

De repente, ele [Wes] ficou consciente do rugido da máquina. Ele viu o avião planando baixo sobre as árvores que margeavam o rio. Viu o veado entrar em pânico e correr em direção à cerca. Não acostumado com a cerca lá, ele se chocou caindo no chão. Ele ficou de pé e começou de novo. Jim Ed ouviu a voz do avô tensa, com ansiedade. “Mais alto, Snort. Pule mais alto!”.

O animal saltou trazendo as patas traseiras sob a barriga. Mas não saltou alto o suficiente. As patas traseiras deslizaram entre dois arames farpados no topo da cerca. O veado desabou do outro lado com as pernas enroscadas (KELTON, [s.d.], p. 200-201).

Ol’ Snort fica preso no arame farpado da cerca, e aquilo que deveria ser uma barreira construída intencionalmente para proteger a natureza da invasão humana, acaba se tornando o obstáculo que fere o animal. Wes é obrigado a matá-lo e por isso, lamenta: “Nunca imaginei que uma coisa dessas aconteceria. Fiz a cerca para *salvar* o seu lugar, não para matá-lo” (KELTON, [s.d.], p. 201-202).

Conforme explica Donald Woster (1992, p. 13), a corrida para o desenvolvimento econômico do Oeste, frequentemente, foi um implacável ataque à natureza, o que deixou para trás muita morte, esgotamento dos recursos naturais e ruínas. E Pena-Vega comenta que as crises em relação à degradação do meio-ambiente, assim como outros fatores ligados ao desenvolvimento industrial, “nos fazem tomar consciência de que o meio-ambiente é constituído por elementos, coisas, espécies vegetais e animais, manipuláveis e subjugados impunemente pelo gênero humano” (2010, p. 19).

Evidentemente, o maior problema da exploração não se restringe apenas à alteração geográfica. Há, acima de tudo, uma percepção séria da degradação

ambiental e que corrobora a preocupação ecológica de Wes Hendrix. A presença do maquinário, com seu poder de transformar a natureza (ou provocar a precipitação para a morte do veado) expressa a preocupação de Kelton, ao dar voz à sua personagem Hendrix, sobre os malefícios da atividade e exploração desenfreada dos recursos naturais.

Seria Hendrix um paladino do ambientalismo, uma força simbólica de proteção da natureza? Para Vicent Wally, o xerife de Big River, a força do velho *cowboy* está mais em uma teimosia senil do que no conhecimento da vida como ela é, apesar de o leitor identificar uma clareza de ideias desse protagonista, uma oposição justificável ao progresso desenfreado. Segundo o xerife, “[v]amos contar para ele sobre os fatos da vida. Um velho que se opõe não consegue parar as rodas do progresso” (KELTON, [s.d.], p. 96). Entretanto, não é a senilidade inexistente de Wes o maior problema de Big River, mas a ganância desenfreada das autoridades da cidade que se agarraram à ideia de que a solução para os problemas econômicos seria a construção da represa. Big River poderia desaparecer se não se tornasse um *resort*? Ou ela desaparecia caso se tornasse um ponto turístico? A resposta é um pouco mais complicada. Uma possível compreensão do problema é sugerida pelo próprio desenvolvimento da narrativa. Sigamos o seu desfecho.

Quando Wes Hendrix acaba cedendo à pressão de todos e decide vender a fazenda, ele empreende uma fuga para a sua antiga cidade natal, perto de Lubbock (cidade real), Texas. Jim Ed o acompanha. A cidade não nominada estava quase que completamente destruída e abandonada, logo após o fim da exploração do petróleo. No momento em que ele se aproxima da antiga propriedade da família, Hendrix decide beber um pouco de água:

Ele provou-a cautelosamente e fez uma careta. “Com certeza, a água não melhorou. Agora, ela tem gosto de petróleo. Contaminada por todos aqueles malditos poços de petróleo”.

Foi até o carro, voltando-se para um último olhar. A tristeza revelava-se em seu rosto, mas a raiva era mais nítida. “Malditos!”, disse. “São

todos malditos pelo que fizeram com esse bom país!” (KELTON, [s.d.], p. 234).

Wes Hendrix reconhece os malefícios que a corrida econômica pode acarretar para uma cidade. Com a natureza destruída, pela água salobra, contaminada por petróleo, só lhe restou a certeza triste de que o futuro de Big River poderia ser o mesmo, caso a atividade turística entrasse em crise como aconteceu com o petróleo, que se esgotou em sua cidade natal. Diante da mudança inevitável, ele acaba cedendo e vendendo a fazenda.

Já John Graves, diferentemente, pensando no impacto da presença do homem na paisagem natural, via a atividade pecuarista como um dos fatores de destruição ambiental. Assim, o represamento das águas já era, em si, a extensão da degradação *in progress* ocasionada pela pecuária, visto que os animais domesticados acabavam invadindo os lugares onde antes habitavam os animais selvagens. Essa visão ecológica motivou a sua viagem pelo leito do rio Brazos e motivou também a escrita do livro porque algo que ele amava estava sendo destruído em nome do progresso. Durante a viagem, ele observa uma natureza profundamente modificada pela atividade pecuarista e transformadora da natureza:

Uma vez, nesta região, ocorriam o antílope e o búfalo com suas costelas gordas, e depois os *longhorns* [bois de chifres alongados] eram os mais robustos que subiam as trilhas. Agora, o cedro espalhou sua sombra estéril nas planícies onde a grama não cresce mais, e apesar de que alguns ranchos do planalto, de proprietários sensíveis, ainda mostrarem tapetes de algarobo crespo e grama e búfalo e relva azulada, e até mesmo que possa ser possível trazer de volta algumas das partes destruídas, a maior parte da superfície da terra nunca mais será aquilo que já foi (2002, p. 57).

A presença humana é impactante no ecossistema e motivo de seu sofrimento, pois “[h]á um pessimismo sobre a terra que, após ter estado com você por um bom tempo, se torna meramente fatural” (GRAVES, 2002, p. 58).

No romance de Kelton, é possível conceber a presença humana vivendo em harmonia com a natureza. O que se torna o problema principal é o progresso que modifica o mundo e que afeta as relações espaciais. Quando Wes retorna para a cidade da sua infância, ele vê, entristecido e revoltado, as mudanças provocadas pela invasão da companhia petrolífera, que deixou a terra estéril e transformou a cidade em um grande cemitério:

A estrada estava cheia de caliche para facilitar a passagem dos caminhões de equipamentos do campo de petróleo. Nos intervalos, os poços de petróleo abandonados jaziam como cicatrizes na campina, os caminhos estéreis de vegetação por causa do caliche profundo e do óleo derramado. Fundações de concreto pareciam lápides que marcavam o fim dos sonhos. Canos enferrujados e os cabos pesados retorcidos em pilhas espalhados como relíquias de campo de batalhas da guerra perdida (KELTON, [s.d.], p. 233).

A lógica da sociedade, que enfatiza a produção e a exploração dos recursos naturais, é transformar a natureza em um objeto útil para a humanidade. Ela se torna então uma fonte para a busca de riquezas e de produção de lucro, conforme a necessidade social e econômica. De acordo com Donald Woster, quando a natureza se torna puramente uma questão de utilidade, algo que “convida” para a sua dominação pela tecnologia, ela morre para nós: “Ela deixa de ter significado em nossas vidas, exceto quando podemos dar-lhe uso. Doravante, nos alienamos dela” (1992, p. 87).

Na verdade, a natureza é vista como uma área de suprimentos infinitos para o homem, um lugar pronto para ser explorado tanto por agricultores e governo quanto pela indústria do turismo. Peixes esportivos atraem pescadores assim como animais selvagens. Alguns países africanos são rotas de safáris. Caçadores profissionais viajam para esses países com o intuito da “caçada esportiva”.⁵ Max

⁵ No ano de 2015, um caso ganhou popularidade: um dentista norte-americano ficou conhecido por ter matado um leão em Zimbábue. Pagou cerca de 50 mil dólares para caçá-lo. O leão fazia parte de uma reserva protegida e tinha um nome: Cecil. A notícia ganhou o mundo não pela morte de um leão anônimo, o que em si já seria motivo para o lamento dos ambientalistas, mas porque Cecil era um símbolo para o Zimbábue.

Oelschlaeger (1991, p. 288) lembra que a exploração de áreas selvagens continua sem qualquer restrição ou limite ideológico. Isso porque a natureza continua sendo concebida como uma fornecedora ilimitada de matéria e energia conversível. Além disso, aspectos como produção e consumo continuam sendo guiados por imperativos políticos e econômicos da indústria do estado.

A lógica desse mercado é exposta pelo banqueiro de Big River, Jamison, que entende ser um rancho apenas uma fábrica para produzir lucro, e os animais são as máquinas a serviço de seu funcionamento. Além disso, o banqueiro desconhece o motivo de tanto “sentimentalismo” comumente visto nos rancheiros em relação às suas propriedades rurais:

“Nunca consegui entender o porquê de os rancheiros serem sentimentais por uma pilha de rochas e cedros. Você [referindo-se à Wes] tem que vê-las estritamente do ponto de vista dos negócios. Um rancho é somente uma fábrica. Onde as outras produzem carros ou refrigeradores, um rancho produz bife e carne de carneiro, lã e *mohair*. Aquela terra não é nada mais do que um piso de produção, e a pecuária não é nada mais do que uma máquina funcionando. Eles tiram as matérias-primas - a grama, as ervas daninhas e o mato - e convertem elas em produtos finalizados. Uma vaca, uma porção de terra é tudo a mesma coisa. A única diferença que importa é o quanto vão produzir. Qualquer coisa mais do que isso é puro romantismo. Este é o mundo *real* onde vivemos, Wes. Temos que nos libertar do romantismo” (KELTON, [s.d.], p. 110).

141

O que o banqueiro não compreende é a necessidade da existência de um equilíbrio entre todos os elementos que coexistem em um ecossistema. Muito mais do que uma fábrica à serviço do homem, a natureza, pela ótica ecológica, é vista como um sistema interdependente e interativo:

Um ecossistema é, então, um princípio dinâmico [...], um ciclo gigantesco que engloba o conjunto da biosfera e no qual todas as unidades de interação são interconectadas numa vasta e intrincada rede de relações. Por esta razão, o ecossistema é uma totalidade complexa auto-organizada e “auto-organizante” (PENA-VEGA, 2010, p. 31).

E, ao invés de o homem se ver como aquele que deve comandar a fábrica, visão mais aceita pelo pensamento ecológico é que ele também faz parte dessa imensa engrenagem.

Considerando os recursos naturais, é preocupante o fato de que boa parte não é renovável ou precisa de determinado tempo para se recuperar. Normalmente, a natureza não se regenera com a mesma velocidade que é destruída. Conforme escreve Peter Westbroek, “o problema da degradação do meio ambiente é provavelmente tão antigo quanto a humanidade, mas jamais despertou uma inquietude tão viva e universal como hoje em dia”. Assim, “pela primeira vez, uma angústia compartilhada transcende as fronteiras individuais e nacionais” (apud PENA-VEGA, 2010, p. 20-21). As narrativas de John Graves e Kelton apresentam essa inquietação ao dialogarem com os discursos preservacionistas.

No romance de Kelton, quando Jim acompanha o avô na visita a antiga cidade natal do ancião, uma visão aterradora da lógica de mercado é descrita sob o seu ponto de vista. Assim como uma máquina é abandonada quando para de funcionar, deixa de ser funcional, a terra também sofre do mesmo destino pela perda de sua funcionalidade, pelo esgotamento repentino de seus recursos não renováveis. No caso da cidade de Wes, o fim da exploração de petróleo marcou o fim do ciclo de prosperidade:

Comparado a isto, Big River era um modelo de esplendor arquitetural. Uma instalação abandonada no campo de óleo parecia uma cicatriz na beira da estrada dentro dos limites da cidade, sua estrutura de folhas de metal manchadas de ferrugem, as janelas quebradas. O maquinário obsoleto, de cada lado da instalação, apresentava uma crosta de óleo velho, graxa e sujeira. Uma cerca que pendia se tornara uma armadilha para *tumbleweeds* secos e pedaços de papel carregados pelos ventos (KELTON, [s.d.], p. 234).

É Jim Ed quem faz a observação. Se Big River já era uma cidade decadente, a cidade natal do avô passava por pior momento. A sua quase esquecida prosperidade é medida pelos olhos decepcionados do rancheiro: “Ele apontou para um prédio de dois andares que parecia ter sido abandonada por duas

décadas. ‘Aquilo era uma mercearia e mercado’, lembrou. ‘A maior loja num raio de 30 a 40 milhas’” (KELTON, [s.d.], p. 235).

O tema da exploração dos recursos naturais é uma discussão premente, pois ganhou relevância no século XX, e se tornou, essa discussão, cada vez mais necessária no século XXI. Outros problemas ambientais têm ganhado os noticiários do mundo: desaparecimento de espécies, aquecimento global, mudanças climáticas acentuadas, desastres naturais (como a que ocorreu em Mariana) e desertificação de áreas são apenas consequências imediatas das atitudes gananciosas do homem. Não é de se espantar que a literatura, como parte relevante de leitura cultural e social, também tenha se sensibilizado com esta causa.

A crítica ecológica assume esse posicionamento engajado, utilizando a literatura como instrumento de análise ambiental e de alerta para que se tome uma atitude diante da destruição da natureza. Há, também, uma crítica à política de espoliação da natureza para obtenção de lucro. Diferentemente de uma máquina, que é substituída quando já está desgastada, a natureza não merece o mesmo tratamento.

Sobre o papel do ecocrítico, conforme escreve de Richard Kerridge, ele,

almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar os textos e as ideias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental (apud GARRARD, 2006, p. 15).

O convite para a consciência ambiental é uma premissa do ecocrítico. Considerando as duas narrativas deste artigo, é possível posicionar tanto John Graves quanto Elmer Kelton no *hall* de autores engajados nessa tomada de consciência a respeito da relação do homem com o meio ambiente. Mesmo falando de problemas ambientais no Texas, distantes geograficamente do nosso

país, não se pode excluir o engajamento desses autores e refletir sobre a nossa atitude diante esse tema. Assim, ambas narrativas ganham relevo e podem ser objetos de estudo da crítica literária ambiental.

Referências

- BRINKLEY, Douglas. Introduction. In: ABBEY, Edward. *The Monkey Wrench Gang*. New York: Harper Perennial, 2006. p. xv-xxiv.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: UnB, 2006.
- GRACE, Stephen. *Dam nation*. How Water Shaped the West and Will Determine its Future. Guilford: Globe Pequot, 2012.
- GRAVES, John. *Goodbye to a river*. A narrative. New York: Vintage, 2002.
- KELTON, Elmer. *The man who rode midnight*. Fort Worth: Texas Christian University, [s.d.].
- KELTON, Elmer. *Elmer Kelton Official Website*. 2000-. Disponível em: <<http://www.elmerkelton.net/>>.
- MARX, Leo. *The Machine in the Garden. Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University, 2000.
- MORRIS, Desmond. *O contrato animal*. Tradução de Lúcia Simonini. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. New Have: Yale University, 2014.
- OELSCHLAEGGER, Max. Contemporary Wilderness Philosophy: from Ressourcism to Deep Ecology. In: _____. *The Idea of Wilderness*. New Haven: Yale University, 1991. p. 281-319.
- PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico*. Edgar Morin e a ecologia complexa. Tradução de Renato Carvalheira do Nascimento e Elimar Pinheiro do Nascimento. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- SCHWARTZ, John. John Graves, Author Beloved by *Fellow Texans*, Dies at 92. *The New Yoork Times*, New York, 1 aug. 2013. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/08/02/books/john-graves-lauded-author-in-texas-dies-at-92.html>>.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, Frederick Jackson. O problema do oeste. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: Eduff, 2004. p. 55-69.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na história Americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: Eduff, 2004. p. 23-54.

WOSTER, Donald. *Under Western Skies. Nature and History in the American West*. New York: Oxford University, 1992.

Recebido em: 12 de agosto de 2018.
Aprovado em: 27 de novembro de 2018.